

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2020.r1a8>

Recebido em: 12/06/2020

Aceito em: 05/08/2020

SOCIEDADE, NOVO NORMAL E ANORMALIDADE

Kleitton Cassemiro do Nascimento

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do IFRN - GEP/IFRN

E-mail: kleiton.cassemiro@ifrn.edu.br

Entrevistadora:

Francinaide de Lima Silva

Profa. Dra. do PPGEP-IFRN

E-mail: francinaide.silva@ifrn

Entrevista concedida por **Kleitton Cassemiro**, Engenheiro civil, professor do IFRN, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do IFRN - PPGEP/IFRN, para a Revista Faculdade FAMEN (REFFEN). O professor e pesquisador fala sobre a pandemia, sociedade anormal e desigualdade social.

1. Tomamos conhecimento de sua atuação como pesquisador vinculado ao Programa de Pós-Graduação Acadêmica do IFRN que pesquisa sobre o campo epistêmico da Educação Profissional. Considerando a experiência das leituras científicas e alternativas, como buscar inspiração para pensar a temática do novo normal ou anormal?

A inspiração é algo que considero primordial durante o processo de escrita, apesar de nem sempre ser possível estar presente. Particularmente eu procuro escrever movido por ela, pois acredito que assim o texto toma contornos mais interessantes e, por isso, tende a tocar mais os leitores; e esse é o meu principal objetivo.

Curiosamente o texto apresentado aqui “me veio”, se assim posso dizer, no meio da madrugada, em uma das minhas muitas noites mal dormidas, que se amplificaram nestes dias pandêmicos, mas que me trouxeram muitas inspirações. Acordei subitamente com o esboço quase que completo do texto e imediatamente me meti a escrevê-lo, a fim de não perder a ideia.

NASCIMENTO, Kleitton Cassemiro, “Sociedade, novo normal e anormalidade. In: SILVA, Francinaide de Lima, entrevista com Kleitton Cassemiro do Nascimento a **Revista Faculdade Famen – REFFEN** (Natal/Rio Grande do Norte), publicado em ago. 2020.

Talvez estivesse tão envolvido com os textos que tenho lido para o doutorado, sobre uma formação mais humana e menos “lucrativa”, além, é claro, de todo o contexto que vemos e vivemos diariamente em nossa frente, que essa ideia acabou ficando em meu inconsciente.

Mas essa é, digamos, a dimensão espiritual do termo “inspiração”, lembrando aqui do que nos disse João Cabral de Melo Neto em seu ensaio sobre Poesia e Composição, onde ele faz uma sutil distinção entre a Inspiração e o Trabalho de Arte (trabalho metódico de construção de palavras), afirmando que “a inspiração será identificada por uns como uma presença sobrenatural”, ou seja, aquilo que inspiramos para dentro de nós afim de nos dar vida, ou dar vida a algo que criamos. Agora, no sentido de “o que” me inspira para a escrita, em quais autores ou obras me inspirei para escrever, nesse sentido eu teria que dar crédito, além dos textos que tenho lido para minha tese, aos clássicos da literatura que há muito leio e que têm versado sobre essa temática durante anos. Preciso frisar aqui que não me considero um estudioso desses temas, mas sim um apreciador que aprendeu a vislumbrar essa dimensão da comédia humana presente nessas grandes obras que vão de Homero a Joyce, de Dante a Guimarães Rosa e para além destes.

Acho importante estarmos atentos à arte, apreciarmos e fazermos mais uso dela em nosso cotidiano. Este é certamente um dos caminhos a trilhar, para que possamos sair dessa crise em que nos encontramos, e de qualquer outra que vier.

2. És um professor e pesquisador entusiasta da educação progressista. Por que apostar neste paradigma da educação?

Me pergunto por que não apostar neste paradigma. Somos seres humanos e vivemos dentro de uma sociedade. Uma sociedade com muitas desigualdades e dominada pelo capital, é certo, mas nem por isso devemos perder nossa dimensão humana, nem deixar de apostar nisso. Pelo contrário! Acredito que precisamos nos aproximar cada vez mais de um modelo de educação integral, que liberte ao invés de aprisionar e que nos possibilite uma reflexão mais crítica sobre nosso entorno.

Como engenheiro civil sou muito questionado sobre esse meu “entusiasmo”. Sobre entrar em temas filosóficos ou sociais, sobre me aprofundar em pesquisas na área da educação. Muitos colegas me questionam sobre isso; para estes eu simplesmente digo que meu cargo na

NASCIMENTO, Kleiton Cassemiro, “Sociedade, novo normal e anormalidade. In: SILVA, Francinaide de Lima, entrevista com Kleiton Cassemiro do Nascimento a **Revista Faculdade Famen – REFFEN** (Natal/Rio Grande do Norte), publicado em ago. 2020.

instituição é de professor e foi esta profissão a qual decidi seguir e me dedicar. Não acredito que, por ser engenheiro, devo deixar de alimentar meus interesses pela filosofia, sociologia, pela música (também sou músico e compositor), pela literatura, ou por outras áreas aparentemente desvinculadas de minha formação inicial. Aliás! Permita-me retificar o que disse. Minha formação inicial não é em engenharia. Nenhum ser humano nasce engenheiro.

Confesso que sinto um certo incomodo sobre esses questionamentos, mas reconheço que vivemos em uma sociedade fragmentada, onde a educação está mais voltada para o lucro, para o crescimento econômico. Onde indivíduos se ocupam em se hiperespecializar em suas áreas específicas sem se preocupar em integrá-las com outras. Onde as áreas da tecnologia, das ciências, das engenharias não dialogam com a sociedade, com as de humanidades. Talvez seja isto que alimenta esse meu entusiasmo por uma educação progressista. Essa necessidade de continuar lutando contra padrões de educação impostos pelo mercado, que distanciam o ser humano de sua humanidade.

Entenda! Não é minha intenção dizer aqui que, quem não alinha seus estudos técnicos às ciências humanas é automaticamente desumano e por isso terá garantido um lugar na “fossa dos hipócritas”, ou que quem tem esse alinhamento é uma pessoa melhor e por isso terá inevitavelmente sua alma salva. Existem diversos exemplos que provam o contrário — diversas pessoas sem qualquer instrução acadêmica que têm um grau de consciência extremamente elevado, adquirido apenas por sua experiência de vida — são inúmeros exemplos assim. Quero aqui apenas chamar atenção para o tipo de currículo que nos impõem, para as reais intenções de certas configurações curriculares colocadas no sistema de ensino; mostrar como nos distanciamos das humanidades e da compreensão do papel das tecnologias dentro da sociedade.

Esta é, aliás, a questão que exponho em meu projeto de doutorado: “como este enfoque humanístico está inserido dentro da matriz curricular [dos cursos de engenharia] e de que maneira a presença desta visão pode contribuir para a formação do engenheiro?”

Enfim! Todo esse entusiasmo por uma educação progressista é uma tentativa de trazer para a formação do indivíduo um olhar mais crítico, mais consciente sobre o porquê e para que estudar determinado conteúdo, seja ele técnico ou não. Uma tentativa de trazer mais consciência em relação a entender “para quem” determinadas técnicas ou conteúdos aprendidos serão

direcionados. Um olhar mais atento sobre o outro, apesar de acreditar que, para alguns, isso pode ser um verdadeiro inferno — fazendo aqui uma paráfrase a Sartre.

3. Em sua avaliação, que exercícios emocionais diários devemos praticar durante o distanciamento social que estamos vivendo?

Acredito que crer, ter fé, perseverar. Esvaziar para se encontrar dentro de si, por mais que o que encontremos lá seja difícil de aceitar... Todos estes, e outros mais, são exercícios diários que muitos têm feito durante esse “distanciamento social” que vivemos. Na tentativa de seguir com uma vida que não havíamos previsto, mas que bateu a porta de todos, sem distinção de raça, credo, classe social ou idade. Uma vida que, por enquanto, não nos traz muitas perspectivas de assumir novos contornos, principalmente em um país tão desgovernado como o nosso.

É importante aqui chamar a atenção para uma questão que muitos têm observado, — precisamos ficar atentos para que o dito “distanciamento” não se agrave ao ponto de ampliar a exclusão social já existente. Neste sentido, os exercícios que mencionei tornam-se, no meu ponto de vista, mais necessários ainda. É fundamental que, enquanto buscamos entrar em um processo de autoconhecimento, possamos também exercitar nosso olhar sobre o outro, afim de que, mesmo isolados ou distantes, estejamos próximos em termos de solidariedade.

Como disse, são exercícios diários, que muitas vezes não temos ou não criamos o hábito de fazer, exatamente devido à vida tão corrida que adotamos. Exercícios que já se faziam necessários antes da pandemia e que agora alguns — infelizmente não todos — têm a oportunidade de praticar enquanto se encontram isolados em suas residências. Aproveitemos então essa oportunidade e a adotemos como um presente dado no momento presente. Um presente compartilhado que nos foi entregue com o intuito de nos tornarmos pessoas melhores e mais atentas à necessidade de propiciar também uma vida melhor para os outros, principalmente para os mais vulneráveis.

4. O anoitecer tem sido um dos momentos mais tensos do dia para muitos. A que você atribui as inúmeras queixas de sintomas físicos e emocionais que são sentidos?

Durante a pandemia noites em claro têm sido, para alguns, o momento de poder refletir e enxergar, de maneira mais clara, o reflexo da sociedade que foi negado por muito tempo por uma grande parcela da população. Enquanto que para outros, essas noites, tem surgido como o único momento de sonhar com dias melhores, com o possível alimento do dia seguinte e até mesmo com um lugar onde se possa deitar e sonhar. São muitas realidades distintas que se cruzam nesse processo pelo qual todos estamos passando. Acho, portanto, conveniente que cada um, dentro da sua realidade específica, busque o auxílio de profissionais para tratar as consequências resultantes da sua condição particular, sejam elas físicas ou emocionais.

Tenho visto que muitos terapeutas têm trabalhado dobrado nesses tempos pandêmicos, na tentativa de amenizar os traumas decorrentes de momentos como estes. Devemos, pois, valorizar mais o trabalho desses profissionais. De todos os profissionais da saúde na verdade, estejam eles tratando diretamente os que foram acometidos pelo Covid-19 ou tratando aqueles que estão sofrendo em decorrência do isolamento em si, ou até mesmo das atitudes contrárias a ele.

O fato é que, muitas profissões que antes eram desvalorizadas ou precarizadas em suas relações trabalhistas, hoje estão tendo mais visibilidade, no que se refere à importância que cada uma tem dentro da sociedade. Caminhoneiros(as), entregadores(as) e demais trabalhadores(as) que exercem funções essenciais e que, portanto, não podem se manter isolados(as) ou em atividade remota, estão hoje se vendo em situações estressantes ou até mesmo abusivas durante suas atividades laborais ao ser explorados por seus empregadores e achincalhados por clientes descontentes com os serviços.

Creio que diversos destes sintomas físicos e emocionais têm até servido para valorar mais algumas profissões como as de cuidador(a) e de empregado(a) doméstico(a), por exemplo, em situações onde o(a) empregador(a) se viu na posição de ter que assumir as funções daqueles, afim de minimizar os riscos de contágio pelo novo coronavírus.

5. Para você a dificuldade de produzir sonhos tem relação com o enxergar das desigualdades e com as incertezas?

Como eu disse são muitas realidades, com uma distância abissal entre si, que se cruzam agora, incomodando aqueles que geralmente fingiam não ver. Realidades estas que nos mostram de fato “a vida como ela é”, além de derrubar diversas máscaras fazendo-nos enxergar as pessoas como elas são, o que realmente pensam e guardavam dentro de si com medo de expor. Sou levado a achar ainda que esse choque de realidades pode ocasionar, em alguns, um verdadeiro pânico ao se deparar de maneira tão brusca com elas. É possível até mesmo que isso venha a trazer, como consequência, muitos pesadelos para os mais afetados, conforme relatos que tenho ouvido de pessoas próximas.

A verdade é que não tenho como aferir, dentro das minhas limitações, essa relação entre a produção de sonhos e o enxergar das realidades e incertezas que nos é imposto. Nesse sentido creio ser mais adequado recorrer a quem discorreu sobre o “mal-estar na civilização”, ocasionado pela eterna guerra entre a civilização, com suas rédeas comportamentais, e o indivíduo, com suas pulsões.

Contudo, analisando os sonhos como uma projeção de nossos maiores desejos, penso que nesse sentido pode sim existir uma certa dificuldade em “produzi-los”, principalmente aqueles sonhos capitalistas que envolvem grandeza material e excessivos lucros financeiros individuais. Estes, ao se chocarem com as desigualdades e incertezas presentes, podem (nos indivíduos que têm um mínimo de escrúpulo) encontrar alguma resistência e dificuldade em sua “produção onírica”, ou até mesmo um certo “mal-estar” em pensar produzi-los. Espero que, pelo menos para estes indivíduos, os seus novos sonhos caminhem por um sentido mais de coletividade e menos de individualidade.

6. Em seu pensamento, como sairemos ou como estaremos após todo esse contexto da pandemia?

Poucos sairão os mesmos depois dessa pandemia, pois ela promove incertezas, reajustes internos e externos, medo e insegurança ao sentir bater no peito os ventos dessa “nova anormalidade”. Ventos que levam muitos a enxergar um pouco melhor seu lugar dentro da

NASCIMENTO, Kleiton Cassemiro, “Sociedade, novo normal e anormalidade. In: SILVA, Francinaide de Lima, entrevista com Kleiton Cassemiro do Nascimento a **Revista Faculdade Famen – REFFEN** (Natal/Rio Grande do Norte), publicado em ago. 2020.

sociedade, enquanto outros continuam se mantendo cegos e céticos diante de toda essa realidade.

Penso ainda que todo esse medo e essa insegurança tem se intensificado há algum tempo como resultado daquilo que Bauman denominou de “globalização negativa”. Uma globalização que nos faz viver com medo, nos cercando por câmeras, cercas elétricas, muros; dentro de uma “sociedade aberta exposta aos golpes do destino”. E é exatamente esta sociedade que agora se mostra responsável pela expansão da atual crise sanitária, nos fazendo chegar a esse contexto de pandemia.

No entanto, apesar de tudo, podemos aproveitar o momento para pensarmos um pouco mais sobre nossas atitudes, nossos posicionamentos anteriores à pandemia; deixar um pouco de ter “aquela velha opinião formada sobre tudo” e nos transformarmos, preferencialmente, em algo melhor. Em algo que possamos usar para fazer a sociedade caminhar na direção de uma real normalidade, com valorização às diversidades, combate às desigualdades e um maior exercício da solidariedade.

Tudo isso pode soar um pouco utópico, eu sei, mas em meio ao turbilhão de informações negativas que recebemos diuturnamente, prefiro lançar ao universo uma perspectiva mais positiva sobre como estaremos ao chegar do outro lado dessa tormenta. Afinal de contas, quando estamos dentro de uma tempestade em um navio desgovernado, melhor é nos agarrarmos onde pudermos — lutando para ter de volta o seu controle — do que nos lançarmos ao mar.

7. O que você considera sociedade da anormalidade?

Entendo que esta definição sobre o que é normal é um tanto quanto complexa e sei que existem diversos conceitos sobre normalidade, mas o que coloco aqui se aproxima mais daquilo que compreendemos ser reconhecidamente moral ou imoral dentro de uma determinada sociedade.

Em culturas distintas esse conceito de normal pode assumir diferentes espectros. O que é normal em uma cultura pode não o ser considerado assim em outra. Mesmo dentro de uma determinada cultura o normal pode admitir opiniões divergentes. Um indivíduo pode achar normal ter centenas de pares de calçado para usar em apenas dois pés, ou considerar normal

uma coleção de talheres e pratos de cristal para usar somente em ocasiões especiais, enquanto outros se contentariam em apenas ter comida no prato, em ter espaço no armário para guardar alimentos não perecíveis ao invés de louças caríssimas, em ter o armário, ou mesmo ter com o que cobrir os pés nos dias de frio isolado em suas casas, quando estas existem.

Acho que a maior questão está na naturalização de determinados problemas sociais ao ponto de tê-los incluídos no senso comum como coisas normais, ou até mesmo fazer com que as pessoas passem a crer que estes problemas sumiram, quando na verdade foram apenas mascarados, naturalizados, normalizados.

Desta forma, a ideia de “sociedade da anormalidade” vem da visão de que nunca tivemos uma real normalidade, se considerarmos a tamanha crise social caracterizada por toda a desigualdade que se evidencia mais nestes dias de isolamento. Achar que vivemos uma “nova normalidade”, como muitos dizem, seria reconhecer que tudo antes era normal; que milhões de pessoas sem CPF era algo normal; que falta de saneamento, falta de moradia, ausência de uma renda mínima, de leitos hospitalares, de alimento era algo normal; que falta de conectividade, de educação era algo normal. Nada disso podemos chamar de normal, logo não podemos também dizer que estamos vivendo um “novo normal”, mas sim uma “nova anormalidade”. Uma anormalidade mais evidente, adotada pela sociedade como algo normal, talvez para fugir da dura realidade.

8. Comente sobre as ideias do campo teórico que refletem sobre a sociedade da anormalidade.

Toda essa desfiguração da realidade para transformá-la em algo palpável, normal, está, na verdade no cerne de toda cultura hegemônica que domina a sociedade através do uso de diversos mecanismos que garantem a não contestação do real estado das coisas pelas classes dominadas. A religião, a mídia, a educação, são todos aparelhos ideológicos usados pelo estado para esse fim, conforme nos afirma Althusser em “A ideologia e os aparelhos ideológicos de Estado”. Estas ideias, se bem observarmos, podem ser a chave para compreendermos o porquê de muitos hoje pensarem e propagarem que estamos vivendo um “novo normal”.

A grande mídia, nos últimos anos, tem tido também um papel fundamental nessa desfiguração ou “normalização” da realidade. Em um período devastado por falsas

informações, caçadores de *likes* e outros modismos propagados pela força midiática, nunca fez tanta falta ter um mínimo de critério e senso crítico para seleção das ideias a considerar dentre as diversas opções existentes no campo teórico.

O fato é que a simplificação da leitura — e da educação de maneira geral — tem sido há muito tempo uma alternativa mais confortável para quem não quer “perder tempo” quebrando a cabeça com textos mais complexos — pra que estudar filosofia, sociologia, literatura? Projetos como a recém Reforma do Ensino Médio, têm contribuído significativamente para ampliar esse triste quadro, ao flexibilizar conteúdos e minimizar a importância para a formação geral dos alunos de disciplinas que promovam o pensamento crítico.

Esses pensamentos de caráter mais reflexivo, estão presentes, me arrisco a dizer, em toda grande obra literária propositiva. São autores que expõem, a partir de seus lugares de fala, a “anormalidade” que sempre esteve presente dentro das sociedades, em alguns momentos de forma mais evidente — como é o caso do que vivemos agora — em outros de forma mais velada, censurada, disfarçada por trás de uma miopia que beira à cegueira em determinadas épocas.

A filosofia, a sociologia, as artes, a literatura — áreas que vêm sendo desprezadas pela cultura hegemônica — podem funcionar como lentes capazes de minimizar essa miopia afim de nos fazer ver o *status quo* da sociedade. Essas lentes podem muito bem ser encontradas em pensadores como Marx, Gramsci, Foucault, Sartre, Bauman. Elas também estão presentes nas grandes obras de ficção da literatura, como podemos ver nos conflitos gerados pelas questões morais de um Raskolnikov na obra de Dostoiévski; ou na impassibilidade e no comportamento indiferente de um Marsault criado por Camus; na resistência e luta pela sobrevivência de Fabiano e sua família, em um sertão descrito por Graciliano Ramos; por diversas vezes em Machado de Assis, como no caso do curioso comportamento de um ex-escravo Prudêncio, que, após liberto, escraviza e transfere as pancadas recebidas para outro; ou ainda nas humilhações sofridas por Isaías Caminha, em Lima Barreto.

Todas estas obras e muitas, mas muitas outras clássicas, nos mostram as diversas anormalidades que estão e sempre estiveram presentes na sociedade, não importa o tempo. Aliás! É exatamente por isso que são denominadas obras “clássicas”. Por serem atemporais.

NASCIMENTO, Kleiton Casseiro, “Sociedade, novo normal e anormalidade. In: SILVA, Francinaide de Lima, entrevista com Kleiton Casseiro do Nascimento a **Revista Faculdade Famen – REFFEN** (Natal/Rio Grande do Norte), publicado em ago. 2020.

Por trazerem e nos mostrarem questões sociais, problemas que muitos não estão habituados a ver, ou não têm interesse, ou talvez mesmo não tenham sido treinados para tal. É por isso que acredito que precisamos melhorar muito nosso sistema de ensino e ao mesmo tempo lutar para que ele não piore. Para que todos possam enxergar melhor a real situação da sociedade onde vivem.

9. Mencione referências bibliográficas para quem deseja ampliar o conhecimento da problemática da sociedade da anormalidade.

Indiretamente pontuei várias referências aqui que serviram de “inspiração” para minha escrita e para minha forma de pensar de maneira geral. No entanto existe um texto de Ítalo Calvino que li durante minha breve passagem pelo curso de graduação em Letras Francês que me fez ampliar ainda mais a visão e a importância que eu já nutria por essa leitura promotora do pensamento crítico. Por isso deixo-o referenciado aqui:

CALVINO, I. Por que ler os clássicos. In: **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 9-16.

Além deste, para refletir um pouco mais sobre as “anormalidades” presentes na sociedade, a forma como determinados discursos são apresentados e como estes temas são abordados na educação, deixo também outras seis referências, que acredito serem bastante promissoras no caminho para a ampliação destes e de outros conhecimentos das diversas problemáticas que permeiam nossa existência. São elas:

BAUMAN, Z. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI).

NUSSBAUM, M. C. **Sem fins lucrativos**: por que a democracia precisa das humanidades. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

PRIGOGINE, I. **Ciência, razão e paixão**. 2 ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2009.
SARTRE, J. P. **Entre 4 paredes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

NASCIMENTO, Kleiton Casseiro, “Sociedade, novo normal e anormalidade. In: SILVA, Francinaide de Lima, entrevista com Kleiton Casseiro do Nascimento a **Revista Faculdade Famen – REFFEN** (Natal/Rio Grande do Norte), publicado em ago. 2020.

Estes são os caminhos que tenho seguido e que têm me ajudado a ampliar minha visão sobre a sociedade, seus problemas, suas anormalidades. São apenas sugestões que para mim foram e ainda são bastante úteis e que, espero, também o sejam para aqueles que lerem estas linhas.

10. Neste desfecho de entrevista, uma última mensagem para os leitores da Revista Faculdade FAMEN sobre a temática refletida ao longo da entrevista.

Olha! Apesar de toda a anormalidade que nos é escancarada agora, das incertezas, dos desafios e reajustes, creio que possamos, no fim da pandemia, como já disse, sair melhores do que entramos. Aqueles que entraram quase cegos, sairão talvez com um grau um pouco menor de miopia, pois terão enxergado e sentido na pele a realidade, que sempre pode e poderá ser um pouco remediada e compreendida através da leitura das referências que já citei, assim como de muitas outras semelhantes.

Afirmo ainda que depois de toda essa pandemia estaremos ainda afastados, mas mais atentos e cuidadosos uns com os outros. Tenho fé que no fim da pandemia saberemos distinguir bem o que é normal do que é anormal. Seguirei, portanto, perseverante de que poderemos instituir, por meio dessa distinção entre normal e anormal, os caminhos para alcançarmos uma possível normalidade, uma normalidade real, com a qual possamos conviver, longe de incorreremos novamente no risco de sermos pegos de surpresa quando uma nova pandemia chegar.